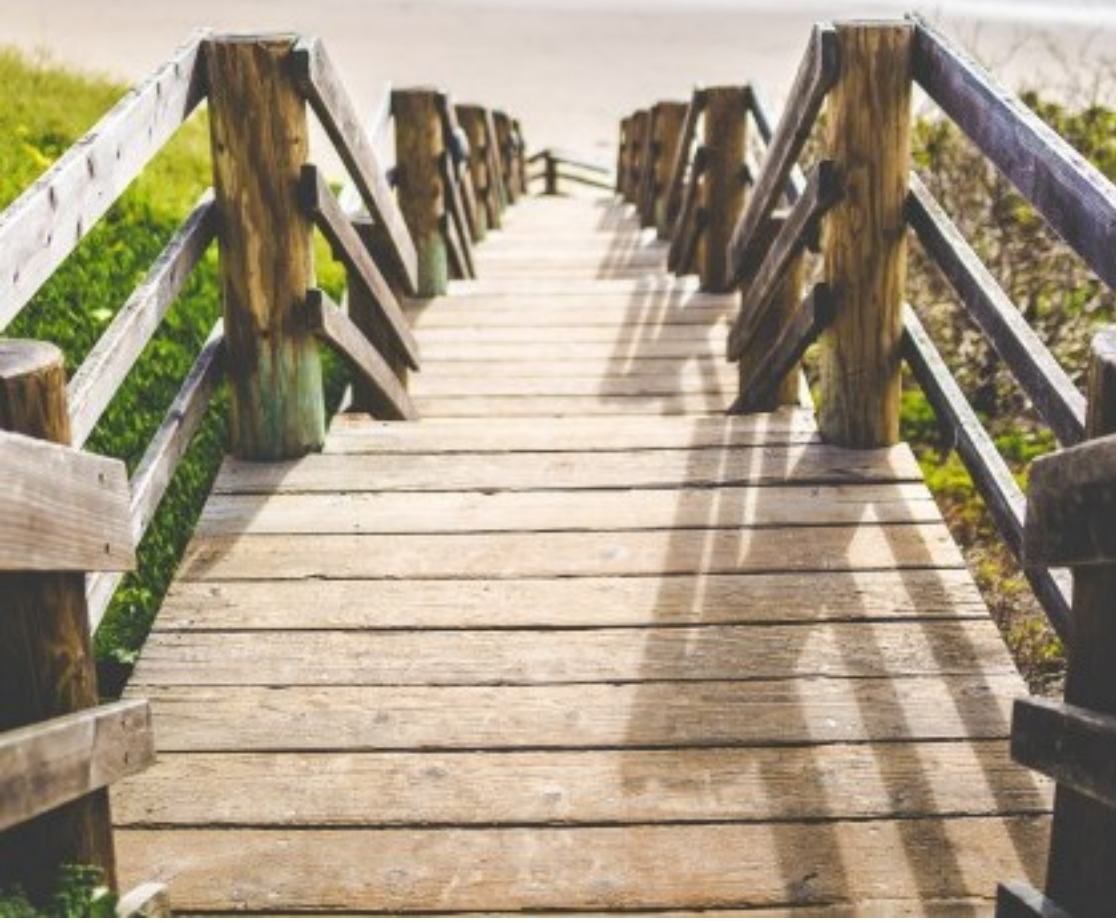


Qual o tempo do
perdão?



Ela estava assustada. Ouvia o som do fusca, era o Gustavo, seu pai. Ana tremia em baixo do cobertor, enxergava ali o local mais protegido em que poderia ficar. Mesmo de longe, já conseguia ouvir os gritos e provocações do seu pai, e o cheiro da bebida exalava pela pequena casa. Era possível ouvir as tentativas de defesa da sua mãe, bem como o som de pratos sendo jogados ao chão.

Horas depois, quando o silêncio já tomara conta do ambiente, a filha mais velha dormia e Ana ainda tremia debaixo do cobertor.

Durante essas madrugadas difíceis, Ana sempre via um senhor com poucos cabelos sentar-se ao lado de sua cama. Ele não pronunciava as palavras, parecia orar, fazendo-a adormecer. Embora não compreendesse, Ana sentia o que ele queria dizer. Ele lhe transmitia esperança.

Ao amanhecer era comum que Rita, sua mãe, acordasse com cortes no rosto. E, em nome de uma falsa tranquilidade, todos fingiam que nada havia acontecido. Gustavo levava as filhas para a escola e em seguida ia trabalhar como taxista, em seu fusca laranja.

Rita tinha medo de se separar, não tinha para onde ir com suas duas filhas. Quem iria as acolher? Do que iriam viver? Viera do interior fugindo da miséria e se casara com um alcoólatra. Não queria acreditar na má sorte. A família de Gustavo tinha posses, e não haviam aceitado o casamento, pois ela era jovem e sem estudo. Todos ignoravam aquela situação. E Rita se atormentava: “o que será das minhas filhas?”

Sempre que Ana sentia medo, ela mentalizava aquele senhor de poucos cabelos, que aparecia sempre de olhos fechados e em oração. Aquilo a renovava e a fazia prosseguir na vida, fazendo-a tentar ser maior que as dores e as vicissitudes.

Tempo depois, uma tia deu abrigo e Rita pôde, enfim, vislumbrar um futuro melhor.

As filhas tinham uma relação afetuosa com a avó, D. Lourdes, mãe de Gustavo. Ele continuava escravo do vício, tirando seu sossego, que embora tivesse muitas posses e recursos materiais, tornava-a uma mãe infeliz. Quando o pai não estava por perto, Ana adorava passar as férias com a avó por tanto amor que recebia e pela mesa farta nas refeições. Ao contrário de Rita, que conseguia sentir a doçura das filhas, mesmo contando o bife no almoço, que estava procurando emprego de doméstica para melhorar a situação. A essa altura, já sabia que a paz não tem preço e era grata a Deus por ter saído do ciclo da violência.

Ana manteve uma profunda mágoa do pai. Não conseguia compreender que a desorganização familiar promovida por ele lhe roubou não só a infância, mas também tirou sua autoestima e plantou uma angústia sem fim. Interferindo em decisões equivocadas, na busca exagerada por um afeto tardio em lugares também equivocados, conseguiu estudar, diferente dos pais, nunca ousou beber, possuía uma obstinação em quebrar o destino, caso ele existisse, queria ser uma pessoa melhor e não repetir os erros dos pais.

A filha que outrora tremia, passava sempre em frente a uma casa com os dizeres " Deus, amor e caridade". Estava grávida, seria mãe solteira, havia pensado em desistir de tudo. A mãe e a avó não perdoaram a gravidez sem casamento, aos 26 anos. Após a graduação, todos esperavam que ela fosse "bem-sucedida". Um enorme vazio a acompanhava. Lembrou que há algum tempo não via mais aquele senhor com poucos cabelos de olhos fechados... Embora todas as dificuldades, havia uma força que a sustentava e lhe mantinha íntegra como queria ser.

Entrou finalmente naquela casa de estudo e oração no momento em que o palestrante, de cabeça baixa, proferia uma prece. A prece falava sobre o perdão e que Jesus está em nós e se apresenta de várias formas. Na recepção, Ana foi acolhida como se fizesse parte da família. Era Natal. Ana não sabia como seria sua vida, mas nada lhe preocupava naquele instante.

Ao finalizar a prece, o palestrante levantou a cabeça e finalizou dizendo que nunca estamos sozinhos, mesmo quando parecer. O que precisamos é nos aprimorar, rever o perdão em nós e confiar sempre, disse ele.

Ana pensou: “se eu tivesse entendido o perdão antes, eu poderia ter aprendido mais... Amado mais, perdoado antes...” Ela continuava de cabeça baixa quando sentiu uma mão tocando em seu ombro. Era a voz do palestrante que dizia:

- Irmã, não há tempo em vão. O abrir de olhos pode ser lento. A verdade é que passamos muito tempo da vida olhando para fora, buscando culpados e nos vitimizamos. Cessar a dor é trazer o perdão. O perdão é o melhor unguento para o que se concebe como “tempo perdido”. Não se culpe, pois o aprendizado é fruto de uma construção diária que pode levar uma vida. Conhecendo Jesus é que conseguimos iluminar os escombros e renascer com brevidade.

Ana levantou os olhos e o palestrante já bem idoso fitou-a. Ele possuía poucos cabelos. Ana levou as mãos à cabeça, não podia acreditar que aquele senhor com poucos cabelos existia. Era ele?